



MATILDA WRIGHT

*Aposta  
Indecente*

Ela o ensinou que a vida não é um jogo.

*Quinta Essência\**

## Sínope

Paris, 1854. Um dos homens mais ricos de França, o marquês de Villeclair tem uma vida luxuosa e despreocupada, onde não falta nada que o dinheiro e a sua posição social possam pagar. Mulheres, jogo, festas, caçadas, palácios...

Mas uma aposta faz com que os destinos de Villeclair e Catherine Duvernois, uma jovem e misteriosa viúva, se cruzem, num momento em que uma nuvem negra tolda os dias do belo marquês, prestes a casar, contra sua vontade, com Blanche de Belfort.

A vida de Louis de Villeclair desmorona-se...

Quem é Catherine Duvernois? E Blanche de Belfort? Alguém está mentindo. Mas quem? Porquê? A resposta mudará para sempre o futuro destas três personagens.

Um romance arrebatador, que se desenrola entre os sofisticados salões da aristocracia parisiense e as deslumbrantes paisagens do vale do Loire, levando os leitores numa viagem inesquecível por cenários de sonho, durante o reinado do Imperador Napoleão III.

# CAPÍTULO 1

**H**avia duas coisas que Louis de Villeclair não dispensava: um bom champanhe e mulheres bonitas. Como Cléa, a pequena alsaciana<sup>1</sup>, acabada de chegar a casa de Madame Martine e que lhe mostrava que sabia usar a língua não apenas para falar, quando foram interrompidos por vozes vindas do salão, no andar de baixo, e barulho de gente que corria e falava no corredor.

— Que inferno! — exclamou Louis soerguendo-se num cotovelo, o belo corpo nu iluminado pelo enorme candelabro de doze velas que ardiam ao lado da cama.

Cléa parou de lhe lambe o interior das coxas musculadas. Olhou para ele um pouco assustada:

— Será fogo? — a jovem abriu muito os seus já enormes olhos castanhos. Louis soltou uma gargalhada irônica.

— Fogo, Cléa? Diz antes o cavalo do Vertou! Não sei porque é que Martine franqueia a porta de sua casa a esses burgueses novos-ricos que não se sabem portar como cavalheiros...

A rapariga saiu da cama com um salto ágil de gazela e envolveu as suas deliciosas curvas num luxuoso roupão de seda cor de pérola bordado com exóticos pássaros azuis e laranja.

— Vou ver o que é... — disse Cléa, e deixou o quarto, fechando a porta atrás de si.

Louis deixou-se ficar estendido na cama, irritado com aquela interrupção inusitada. A culpa era, certamente, de Vertou que não sabia nem beber nem lidar com mulheres e que, a nadar em dinheiro novo, frequentava agora os melhores bordéis de Paris. Ainda há dois dias tinha armado um enorme escândalo

---

<sup>1</sup>Relativo ou pertencente à Alsácia.

em casa de Colette, numa festa em que ele e os seus amigos de pândega se fizeram açoitarem com chicotes pelas raparigas. Um depravado sem maneiras! Até para se ser depravado era preciso ter educação. Essa era, pelo menos, a opinião de Louis de Villeclair, ele próprio um depravado assumido. Uma fama lendária envolvia o seu nome desde a primeira noite em que pisara o melhor e o mais exclusivo bordel de Paris.

Oh! Como as coisas tinham mudado... Ainda se lembrava daquela tédida noite de primavera de 1834 quando o pai, o velho marquês de Villeclair, o tinha trazido, pela primeira vez, a ele e a Gaston, o jovem príncipe de Montblanc, àquela casa. Ainda hoje, mais de vinte anos depois, podia sentir a maciez das alcatifas que atapetavam as salas, o cheiro suave do perfume das mulheres, o toque delicado dos seus vestidos soltos, quase transparentes, que mostravam mais do que encobriam. E lembrava-se de Martine, claro! Como poderia tê-la esquecido? O porte de rainha da bela mulata, os seus olhos verdes, amendoados, os lábios cheios, trocistas, recostada numa *chaise-longue* forrada a veludo cor de sangue, lânguida. Lembrava-se de se ter sentido minúsculo perante aquela mulher de quarenta anos que o olhava de alto a baixo e cujos olhos o atingiram como um raio. Da vergonha que sentiu de que os outros, o pai, sobretudo, pudessem perceber a sua aflição. E a mão de Martine a acariciar seu rosto:

— Como é bonito... — disse ela e o seu sotaque crioulo soou como música aos ouvidos do jovem Louis. E depois, voltando-se para Gaston, passando-lhe os dedos pelos caracóis louros: — *Mon prince!*

Como tudo era calmo naquela casa, nesse ano de 1834, quando Martine lhe pegou na mão e o conduziu pela enorme escadaria de mármore que leva ao seu quarto. Louis tinha apenas quinze anos e sentia as pernas tremerem enquanto vencia os degraus. Mas também se lembrava de que essa fora a primeira e única vez em que lhe custou subir aquelas escadas. Depois dessa noite, voltara milhares de outras. Quase sempre com Gaston, o cobiçado príncipe de Montblanc, e também com Laurent, conde de Juy, Pierre, marquês de Forchemont, e Marcel Bachelard, filho de um dos maiores banqueiros de França, burguês e judeu, é certo,

mas educado pelos melhores preceptores de Paris e, por isso, um homem elegante, refinado e também ele um dos seus companheiros inseparáveis de borga desde o tempo em que todos frequentavam o mesmo colégio. Como tudo era civilizado e silencioso em casa de Martine, em 1834 e nos muitos anos que se seguiram. Aconchegou-se mais entre as cobertas fofas da cama de Cléa e ficou apensar no calor suave de todos os corpos de mulheres que tinha amado naquela casa. Nanette, Renée, a louca Helène, insaciável, que fazia amor coberta de esmeraldas e contava que era filha ilegítima do czar Alexandre da Rússia...

— O conde de Joubert, senhor marquês... — ia começar Cléa a contar quando voltou a entrar no quarto, pálida, como se tivesse visto um fantasma.

Louis voltou-se na cama, desagradado por aquela entrada intempestiva lhe ter desviado o pensamento de Helène, *a louca*, com quem uma tarde tinha feito sexo atrás de um dos túmulos da cripta de Notre-Dame. «Não seja mau, venha ter comigo. Vou rezar para que o papá me aceite como sua filha. Quero vê-lo», tinha escrito no bilhete que lhe mandou pela criada. E ele foi, por desfastio e porque não lhe apetecia a tarde literária em casa da tia Clemence, princesa de Auvergne. Poesia chocha, chá quente, velhas a cheirarem a violetas e raparigas desengraçadas, mortas por o caçarem como marido, apesar da má fama que o envolvia, mas deslumbradas pelo seu título de marquês de Villeclair e, também, pela sua enorme fortuna. Chatice por chatice antes as rezas de Helène, para se tornar princesa da Rússia, à literatura da tia. Por isso foi e por isso mostrou a cripta da catedral a Helène quando ela, a fazer beicinho, lho pediu:

— Imagine, há dois anos a viver em Paris e nem conheço Notre-Dame!

Helène, de repente, muito interessada nos pormenores da arquitetura mortuária francesa. A querer ver tudo e, atrás de um túmulo, com habilidades de contorcionista a tornar-lhe o sexo duro, enorme, e a debruçar-se sobre a tampa do sepulcro para ser possuída por trás. Helène aos gritos, os dedos cravados nas pregas de pedra de um manto real qualquer, descontrolada. O sacristão, velho e quase surdo, a passar por ali e a olhar espantado para a aflição daquela rapariga tão nova.

— Um antepassado — disse-lhe Villeclair. — Está muito comovida...

Helène, *a louca* !

— Vem! — disse Louis abrindo os olhos, na urgência que as recordações de Helène lhe tinham deixado no corpo.

— Monsieur, o conde de Joubert... — repetiu Cléa, e parecia uma menina, pálida, assustada, o pequeno corpo a tremer — está lá em baixo, ferido, matou um homem...

Villeclair despertou imediatamente do torpor em que a noite com Cléa e as recordações de várias outras noites, muito antes de Cléa, o tinham deixado e saltou da cama, nu. Bertrand de Joubert não era exatamente um amigo, mas era um cavalheiro, como ele, um velho conhecido, um vizinho cujo castelo no Vale do Loire ficava muito próximo do enorme palácio que Louis tinha herdado naquela mesma região. Vestiu-se à pressa, amaldiçoando as inúmeras peças de roupa que um homem elegante era obrigado a usar, e saiu do quarto ainda a compor o cabelo seguido por Cléa, pobre Cléa, em pânico.

Louis de Villeclair foi um dos últimos clientes de Madame Martine a entrar no enorme salão onde os grandes espelhos de molduras douradas reverberavam à luz das centenas de velas que ardiam, envolvendo o ambiente num cálido odor de cera e almíscar. As paredes, ricamente forradas de damasco azul eram testemunhas mudas das muitas conversas ali mantidas ao longo dos anos. Negócios de Estado, vendas de bancos, nomeações de diplomatas, substituições de ministros, até o início da guerra na Crimeia, dizia-se, tinham sido decididas naquela sala onde Martine recebia os seus seletos clientes e onde, enquanto estes bebiam champanhe e fumavam longos charutos perfumados, as belas raparigas que trabalhavam em sua casa exibiam as suas formas esculturais dançando ou, simplesmente, conversando em pequenos grupos.

Mas não era nada disso que se passava naquela noite quando Louis desceu do quarto de Cléa e entrou no salão. Bertrand de Joubert jazia num dos canapés forrados de seda azul-celeste, e o doutor Moreau, o mais famoso dos médicos de Paris, acabava de lhe colocar uma ligadura no braço direito. Havia na sala uma agitação desusada. Os risinhos das raparigas tinham sido substituídos por sussurros.

Homens circunspectos conversavam em voz baixa. E Martine, mantendo o seu porte de rainha crioula, segurava a mão de Joubert.

— Vamos, onde te meteste? Por pouco não subi para arrombar a porta do quarto de Cléa. — Pierre de Forchemont puxava o amigo, a caminho da saída.

— O que é que aconteceu? — queria saber Villeclair.

— Conto-te quando estivermos a salvo dentro da minha carruagem. A polícia não tarda a aparecer...

— E os outros? Marcel, Laurent, Gas...

O marquês de Forchemont nem lhe deu tempo para acabar a frase:

— Estão à nossa espera no Gascogne, com ostras e champanhe. Conto-te pelo caminho.

A carruagem que já os esperava à porta atravessou a Rue Saint-Honoré e, logo depois, os cavalos trotavam ao longo da Rue de Rivoli finda a qual depositaria os passageiros junto das magníficas arcadas da Place de Vosges, onde ficava o Gascogne, restaurante frequentado pela alta sociedade parisiense e com fama de ter as melhores ostras de França. Chovia torrencialmente e as grossas gotas de chuva batiam no tejadilho<sup>2</sup> da carruagem fazendo um barulho ensurdecedor, ainda piorado pelo som das ferraduras dos quatro possantes cavalos. Era impossível conversar, fazer perguntas. Por isso, Louis de Villeclair limitou-se a ouvir o que o seu amigo Pierre de Forchemont lhe contava, aos gritos e entre gargalhadas:

— Uma aposta estúpida! Entre o Joubert e o Duvernois, o velho notário da Rue des Archives... Nem percebi bem! Uma confusão qualquer aos dados que acabou numa aposta sobre qual deles era mais rápido a disparar uma pistola...

Villeclair soltou uma gargalhada:

— Dois apostadores inveterados e dois péssimos atiradores!

— Mas, pelos vistos, ambos com a mesma velocidade no gatilho — disse Forchemont. — O Joubert foi atingido num braço e a ironia é que, apesar de mau atirador, desta vez acertou no alvo. Matou o Duvernois...

— Matou? — Villeclair já não ria.

---

<sup>2</sup>Teto de automóvel ou de qualquer veículo; capota.

— Matou — respondeu Forchemont no momento em que a carruagem parava em frente à porta do restaurante. Saíram a correr para chegarem ao abrigo das arcadas antes que a chuva os deixasse encharcados.

— Onde foi isso?

— Marcaram encontro para esta noite, no Bois de Bologne.

—No Bois? — ainda perguntou Louis.

—No Bois, meu caro! Se é isso que queres saber, trouxeram o Joubert para casa da Martine porque calcularam que o bom do Moreau lá estaria. Às três da manhã era a melhor maneira de lhe arranjam rapidamente um médico. — Pierre ainda disse, cínico, antes de empurrar a porta de madeira e vidro: — Uma ideia disparatada! Estragar assim a noite a um cristão... Acabaram-nos com a pândega! O Joubert é primo de um ministro do Império e na Martine ninguém toca, que Napoleão III não deixa. Por alguma razão ela lhe fornece as melhores raparigas de Paris e arranja os disfarces para que Sua Excelência se possa encontrar com elas. Mas, enfim, conosco é diferente, ninguém nos ia safar de ficar ali até de manhã, à disposição de um cabo de esquadra qualquer, a querer fazer perguntas a torto e a direito...

Villeclair sorriu discretamente e entrou no Gascogne atrás de Pierre.

O jovem marquês ainda sorria quando se juntou aos três outros amigos que, num gabinete privado, já bebiam champanhe enquanto esperavam as famosas ostras.

Laurent contava aos outros as maravilhas de Andreja, a polaca loura com quem tinha estado nessa noite em casa de Martine. Mas interrompeu-se quando viu Louis entrar:

— Morre um homem, estragam-me a noite com Mademoiselle Andreja e tu, meu velho, entras aqui com essa cara de felicidade?... Há que experimentar os dotes dessa Cléa se ela te deixa assim!

— Enganas-te, meu caro. Por uma vez, a minha felicidade nada tem a ver com mulheres e nem sequer com champanhe. Simplesmente, esta noite, fiquei um pouco mais rico...

— Ah, não! Louis, não vais aproveitar esta ocasião, já de si um pouco fúnebre, para nos anunciares que a tua tia Clemence, finalmente, te convenceu a casares com uma das enfadonhas herdeiras ricas que frequentam os seus chás literários...

— Não, nada disso, meu querido Laurent! Quantas vezes vos disse que não fui talhado para o casamento? Sou um pássaro que precisa de liberdade...

— E então? — perguntou o príncipe de Montblanc — vais contar-nos a origem desse dinheiro que fará com que a tua escandalosamente enorme fortuna se torne ainda um pouco mais escandalosamente enorme?

Louis de Villeclairre esfregou as mãos saboreando a curiosidade dos amigos. Acendeu um charuto e ficou a ver as ondas de fumo desfazerem-se no ar. Um criado bateu à porta e pediu licença para entrar. Trazia uma travessa onde brilhavam deliciosas ostras que inundaram a sala com o seu cheiro de mar.

— Alphonse, mais champanhe! Muito gelado! — pediu Louis.

Sentaram-se na mesa requintadamente coberta por uma toalha de linho branco, com finos bordados e prepararam-se para provar aquela ceia servida em caríssimos pratos de porcelana e talheres de prata. Antoine Gascogne sabia como agradar aos seus melhores e mais exclusivos clientes.

— Se não vais casar com uma herdeira rica, conta-nos como ficaste ainda mais rico — pediu, curioso, Gaston de Montblanc.

— Muito fácil, meus amigos! Que outra maneira existe de um cavalheiro aumentar, do dia para a noite, a sua fortuna? Ganhei uma aposta!

— Que aposta, Louis? Tu próprio nos contaste que estiveste em casa, a ler, durante todo o dia. Depois, jantaste conosco em casa do Bachelard e fomos juntos para a Martine... — lembrou Laurent. — A menos que, agora, faças apostas com o teu mordomo ou com o teu cocheiro...

— E, por acaso, eu disse que tinha feito a aposta hoje? Conteí-vos, apenas, que a tinha ganho hoje. Aliás, para ser exatamente preciso, ganhei-a há menos de uma hora. Mas é uma aposta antiga. — Louis riu-se. — Enfim, não muito antiga... tem duas semanas ou coisa parecida.

O marquês de Villeclair serviu-se de ostras e mostrou-se deliciado com o manjar que os amigos tinham escolhido para a ceia. Mas, à volta da mesa, mais ninguém comia e todos estavam suspensos do que Louis tinha para lhes contar. E como este parecia mais interessado nos mariscos do que em satisfazer a curiosidade deles, Marcel, o banqueiro, não se conteve:

— Então, vais ou não dizer-nos que aposta foi essa?

— Devias, antes, perguntar-me a quem ganhei a aposta Bachelard...

— A quem? — perguntaram Pierre e Laurent em coro.

Louis deu uma enorme gargalhada antes de responder:

— Ao morto!

— Como foi isso? — quis saber Gaston.

— Eu vos conto... — decidiu-se a dizer, finalmente. E contou aos amigos que, há duas semanas, depois de ter estado com eles no baile da condessa de Balac, e quando já ia na sua carruagem a caminho de casa, não tendo sono, decidiu dar ordem ao cocheiro para parar a meio dos Campos Elísios. De repente, tinha-lhe apetecido tentar a sorte na roleta, depois de uma noite com muita sorte com Madame Bousquet, a bela ruiva casada com um dos maiores proprietários de Paris. Por isso, mandou o cocheiro parar e entrou no Casino Étoile.

— Estava um pouco bêbedo... — confessou Louis de Villeclair, como a preparar os amigos para o que se seguiria.

Tendo provado a si próprio que essa era, de fato, uma noite de sorte excepcional e guardando já os 300 francos que acabava de ganhar numa única jogada, foi parado por uma mão que lhe travou o braço. Era Duvernois!

— Meu jovem marquês! Reparei que ainda agora entrou e já o vejo sair. Uma noite má?

— Não, muito pelo contrário! Vim provar a mim mesmo que estou invencível... — respondeu com uma gargalhada. Os olhos do velho notário brilharam ao ouvi-lo dizer tal coisa e ali mesmo o desafiou para uma aposta absurda com o argumento de que não havia homens invencíveis, nem sequer por uma única noite. Villeclair que escolhesse um número, sem fichas na mesa. Ele, Duvernois, escolheria outro. Se nenhum deles acertasse a coisa ficaria por aí

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

